

B. N. L.

10128

CARTA SEPTIMA,

ESCRITA

AO SENHOR

PEDRO ALEXANDRE CAVROE',

CARPINTEIRO DE MOVEIS,

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

---

*Procuibit humi Bos.*

Aqui pára, aqui cahe, sangrado o Touro.

Virgilio.

---



LISBOA.

Na Officina da Viuva de Lino da Silva Godinho.

Anno de 1821.

*Com Licença da Commissão de Censura.*

CARTA SEPTIMA,

ESCRITA

AO SENHOR

PEDRO ALEXANDRE CARVALHO,

CARPINTEIRO DE NOVAS,

POB

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

---

Procurador Paulo Bot.

Agui para, aqui onde, senado o Tomo.

Vigilio.

---



LISBOA

Na Officina de Vinha de Lina de Silva Godinho.

Anno de 1811.

Com Licença da Commissão de Censura.

## CARTA SEPTIMA.

Meu verdadeiro Amigo,

**T**EM havido no Mundo grandes, e porfiadas guerras, estendendo-se ao espaço de trinta annos como foi a dós Suécos n' Alemanha em que morreu Gustavo Adolfo. Houve na mesma Alemanha a guerra dos sete annos em que tanto brilhou o *Filosofo* Guerreiro, o Grande Frederico!! Entre nós ainda durou por maior numero de annos a guerra do Alecrim e Magetona, em que houve choques tão doces, e tão renhidos. E a nossa, Mestre Pedro, quando ha de acabar? Acaba com esta descarga que lhe vou dar, não para fazermos pazes, porque com V. m. não quero aliança, tratado, ou convenção alguma, nem para a vida, nem para a morte; hum provocador injusto merece hum odio eterno, e eu vejo pela *Historia Diplomatica*, que com as Regencias de Argel, Tunes, e Tripoli, ainda que se fação trégoas, nunca se fazem pazes; mas tambem vejo nos *Annaes de Varella*, que na inconquistavel praça do Salitre quando o boi cahe com seis, ou se-

te farpas o Cavalleiro intrepido, levanta a viseira, entrega a lança ao pagem, e com o lenço com que alimpa o honrado suor fazendo a cortezia para o respectivo Camarote, onde a Dama sente já mais moderada a palpação do coração, que foi violenta durante o combate, ou duello dos dois animaes, entrega o inimigo prostrado á gente de Guiné, que o leve á praça. Com esta descarga suspende as armas, e entro em quarteis de Inverno. Não quero levar o labéo de barbaro, que com tanta justiça merecem esses croatos Hungaros, e Panduros, que vendo fugir Pepe, e desaparecer Florestão a unhas de cavallo, enganados ambos pelos seus Soldados (porque lá em Napoles os Soldados são os que enganão os Generaes) insistirão nas apupadas, que hião dando á parte posterior dos cento e cincoenta mil Guerreiros, como dizião as Folhas do meio dia da Peninsula Italiana, somidos de tal maneira, que desguarnecidos os Abruzzos se acabou a guerra, e se introduzirão contra o direito das Gentes na casa alhea, ficando sempre desprezível a victória que se consegue de inimigos que não resistem, e guerra onde se não gasta polvora, não he guerra. He verdade Mestre Pedro, que V. m. poz em marcha huma grossa columna de escandalosas personalidades, mas negou-se-lhe a passagem pelo territorio da Razão, e da Justiça, leve esta descarga, fique no chão a curar-se, ou a descancar, ainda que V. m. tem a condição do Gigante Anteo combatido por Hercules, que tomava forças do contato da terra de que era filho, foi preciso suffocallo no ar, e só assim morreo, diz a Fabula.

Surge-me de hum canto hum inimigo de pou

ca monta he verdade, o Mestre Astreiro, que na sua destampada, e miseravel resposta a Mestre Périodiqueiro me atira algumas torquezadas, que eu não devo deixar sem arroxadas, porque nenhum aggressor injusto me hade ficar sem remessa, e eu lhe mostrarei se Frade he Monge, se Monge he Frade; e se era Frade, ou se era Monge o casual inventor da Polvora; e eu tenho o geniõinho alguma cousa mais rijo, que o meigo *Comprade de Belém*. Que copiosa he a cáfila, ou matilha dos charlatões! Na verdade Mestre Pedro, que eu não sei resolver o Problema. = Qual de de nós tem menos vergonha! Eu creio que sou eu, conheço que he preciso renunciar a ella para sustentar com V. m. esta bellicosa correspondencia. Se V. m. fosse hum homem com alguma tintura de Letras, que podesse sustentar por hum quarto de hora huma controversia scientifica, sem fugir do ponto dado, ou da questão proposta, não seria vergonha confrontar-me com V. m. Mas chamando-o a este campo de lide, V. m. corre logo ás trincheiras das personalidades desafortadas sem tom, nem som; que heide eu fazer! Pagar-lhe na mesma moeda, tendo para isto hum grosso cabedal, que todos os dias se augmenta com a remessa de Cartas do Correio, que são o *Flos sanctorum* das suas virtudes! Isso não faço eu, porque estamos na época em que a Moral publica he mais conhecida, e muito mais respeitada, por tanto conheço que he não ter vergonha, aindaque o ponha em completa derrota. Farei nesta Carta algumas reflexões sobre a sua estimadissima de 19 de Março, talvez o deixe confundido, e possa dizer com o citado Virgilio = *Procubuit humi Bos.* =

Entre os innumeraveis papéis insolentes, e desaforados que tem apparecido nestes ultimos tempos, entre a alluvião de injurias, que os desaçaimados Periodiqueiros tem dito contra o que havia mais respeitavel em todas as classes de Cidadãos, entre as invectivas escandalosas do *Portuguez Constitucional*, entre a salgalhada Orateira do *Liberal por Conto*, entre as marradas do *Astro venal*, entre os malignos, e incendiarios destemperos do *Amigo*, nenhuma cousa apparece tão execravel como a Carta que V. m. Mestre Pedro, me dirige na Mnemosine de 19 de Março de 1821. As considerações que sobre ella vou fazer mostrão, que não he encarecida, ou exaggerada a minha proposição? Qualquer que seja o tom que V. m. tome, em todos hade mostrar que he Mestre Pedro. Quer gracejar, e he tão desgraçado, tão desconsolado, tão nojento, e tão insipido o seu estylo, que quando intenta dizer huma graça, dá huma facada. O seu *alamiré* he a injuria grosseira, veja que Musica daqui sahirá? Sempre me ria Mestre Pedro quando em sociedade (sociedade das Cadeiras desiguaes do Vestibulo da semblagem) lhe ouvia começar os seus fastidiosos cumprimentos pela parvoice de = *Seu cativo, seu cativinho* = e isto sempre sem sal de posta. Quiz usar do tom ameno, e desensovalhado da urbanidade picante, vomitou torrentes de fel, ou de veneno na tal sua de 19 de Março. Eu, meu rico, e verdadeiro amigo, não as digo vagas, nem soltas, não vou desenterrar mortos, mendigar *attestações*, e *reconhecimentos de letra* para o confundir, e pulverizar, não vou misturar as qualidades moraes com as literarias, para fazer não huma refutação em forma,

mas hum Libello manifesto. As minhas Cartas são como os Sermões, sempre hão de levar Thema, e este Thema, sempre hade ser huma passagem dos seus doutissimos escritos fielmente trasladada, e confrontada com o seu Original a que me reporto a mim, e quero que todos se reportem. Eis-aqui a primeira passagem, ou o primeiro Thema extrahido da sua Carta columna primeira, linha seis =

” Não te *conteve* as meiguices com que  
 ,, te acolhi, os beneficios que de mim  
 ,, recebeste ingrato !!,,

Ah! Mestre Pedro, se V. m. tivesse, como diz, ido ao estudo do Maia, saberia que hum *solecismo* he o erro mais vergonhoso em Grammatica, porque faz do que se diz lingua de Preto. E se este erro desafia huma duzia, ou duzia e meia de palmatoadas em hum rapaz, que desafiará em hum Escriptor publico, e Escriptor de alta Politica, em hum derramador de luzes, em hum luminar do seculo, em hum Mnemosineiro, que tudo isto quer dizer em hum Mestre Pedro! Mas onde está esse erro! Está alli em cima olhe para elle, em pôr o nominativo no Plural, e o verbo no singular = *não te conteve as meiguices = os beneficios =* devia dizer, não te continhão, ou contiverão as meiguices &c. como podem existir duas commodas, ou meias commodas com huma só gaveta, ou tres bancos com hum pé? perdõe, mas as comparações, diz a Rhetorica, devem ser tiradas de cousas conhecidas daquelles a quem se falla. O que me admira he não haver hum, entre tantos, a quem V. m. lê, ou dá a ler os seus preciosos manuscritos, que por amizade lhe advirta este, e outros erros, mas

elles serão em letras, taes como V. m., e V. m. tal como elles. O amor da Patria he a cousa melhor que ha, e serve para tudo, mas se este lhe deo forças bastantes para gritar no Recio, e ir de sege a Sacavem, não dá talentos, e se os dá, he preciso cultivallos pelo estudo, obrigue-o este amor, ao menos a folhear antes de escrever a Grammatica do Lobato, que se dá aos rapazes quando vão para a escola, ella lhe ensinará a não commetter solecismos tão vergonhosos. Os erros de huns não servem de desculpa aos outros, cada hum tem obrigação de se corrigir a si, por isso não me venha com o exemplo do *Liberal* que sendo hum homem inteiramente Grego, como Professor, nem em Portuguez se sabe explicar, pois não se lê hum retalhinho do seu finado Periodico em que se não encontre huma gorda infracção das mais simplis regras da Syntaxe Portugueza. Vamos progredindo a cousas de mais alto cothurno! Vou trasladar humas palavras, que se me disserem que são das luzes da seculo, eu direi então que existimos no seculo de perfeita barbaridade, rudeza, grossaria, e para o dizer de huma vez, de completa immoralidade. Mnemosiné de 19 de Março de 1821. Columna primeira, linha tres.

” Mas que podia eu esperar de hum Corcunda! Falsario!!!,

Senhor Pedro Alexandre Cavroé, diga-me pôde haver hum ataque pessoal, mais violento, mais afrontoso, demos-lhe o termo proprio, mais criminoso? Huma afronta he hum delicto civil: como Christão não o quero vingar, como Cidadão, he preciso que me desafronte, muito injusto, e corrompido será o Mundo, se me não quizer ouvir.

Ou *Corcunda* he hum termo vago que nada significa, ou então a consultarmos a opinião publica nas actuaes circumstancias, tem as attribuições mais odiosas, que expõe o homem não só ao odio, mas ao insulto, e á vingança desenfreada de huma plebe a quem são desconhecidos os justos limites da liberdade civil, e mais claramente ainda, constitucional. Com este afrontoso, e perigoso labéo estou exposto por Mestre Pedro ao ludibrio publico.

Ora vamos a fazer huma pintura não ideal, ou hypothetica, mas real, e existente. Hum homem, que tem passado a sua vida no estudo do homem, que depois de longas vigílias; dá á sua Nação hum Tratado Filosofico com este nome; que tem seguido com consideração o Ente racional, e humano desde o momento em que sahe das mãos da Natureza, e por diversas, e infinitas, ao menos indefinitas gradações, chega com elle ao estado da possivel perfectibilidade, que contemplando-o no estado social, vai com elle até a origem da sociedade civil, desenvolve as suas faculdades intellectuaes, mede, péza, analysa seus deveres, seus interesses, suas precisões, e pela mais miuda analyse, chega em sua alma a descobrir seu natural, innato, e primitivo impulso para a sociedade dos outros seres seus semelhantes, que reclamão imperiosamente a reciprocidade dos soccorros, sobre que se estabelece o primeiro contracto social; que acha nesta reciprocidade o primeiro desenvolvimento da vontade geral dos individuos unidos para se darem por eleição livre, soberana, e espontanea huma fórma qualquer de Governo, dando-lhe a mesma liberdade da esco-

lha o imprescriptivel poder de o melhorar, de o alterar, de o converter, de o suspender, de o reclamar, de o instituir de novo conforme a sua vontade, ou a urgencia das circunstancias, ou o volver dos seculos, ou a alteração dos costumes, ou a inefficacia das Leis, ou outro qualquer motivo determinante; não se podendo na soberana vontade geral dividir estas duas qualidades, a de *instituidora do Governo*, e a de *reformadora do mesmo Governo*; porque, quem tem a faculdade de o crear tem a faculdade de o suspender para o melhorar; hum homem, pois que a estes conhecimentos bebidos na natural essencia do homem, ajunta o estudo constante da Legislação primitiva, que da origem simples das sociedades humanas vai por todas as suas fases, seguindo os Reinos, e os Imperios, cujo nome a História nos conserva; que em o primeiro dos Historiadores, Herodoto, em Diodoro de Sicilia, em Apião Alexandrino, em Justino, observa o principio, a marcha, a quéda, a mudança, a transformação de tantas Monarchias, que aprende por huma sustentada combinação quaes forão as causas, e os meios porque forão passando os direitos publicos, e naturaes de hum povo governado, ás mãos do Governante com detrimento, e lastimosa québra da soberania nacional, e como pela força convertida em Despotismo se foi conservando esta usurpação convertendo-a, não sómente em direito, mas em herança de hum só, não podendo haver huma luta de poderes, onde a indiscreta cessão tinha posto tanta desigualdade: Se hum homem que ao estudo particular da Historia das Republicas da Grecia, e das suas sempre vacilantes

Monarchias, ajunta a contemplação aturada do grande Quadro do Imperio Romano, desde o seu berço até a sua funesta quêda, não só pela leitura de seus primeiros Historiadores, como Tito Livio, Dion Cassio, Cornelio Tacito, Suetonio, até chegar aos secundarios como os compiladores da Historia Augusta, Amiano Marcelino, e Herodiano, traduzido pelo incomparavel Angelo Policiano; se hum homem mais contemplador ainda daquella Historia, que se chama do Baixo Imperio, não em os modernos Historiadores, como Gibbón, e Le Beau, mas em os antigos, e Cœvos como Cedreno, Zonaras, Procopio, e Jornandes, até vêr resurgir o Imperio do Occidente em Carlos Magno, convertendo-se a immensa Monarchia dos Godos, dos Vandalos, e dos Sarracenos, nas Monarchias que hoje vemos, e nas Republicas, que choramos (ou eu só choro) extinctas: Se hum homem que nesta contemplação nota, e assignalla distinctamente não só os abusos do poder Monarchico mas a luta constante (mas desigual) da dignidade do homem contra as usurpações da Tyrannia; se hum homem para quem tem sido hum particular estudo a Historia primordial da Nação Portugueza, cujos Fastos considerados dão a conhecer ao Mundo, que por hum particular instincto de Justiça, ou natural discernimento o Povo Portuguez, independente do conhecimento dos principios de Direito publico, e da Legislação de diferentes Povos conservava o sentimento da sua soberania, nos pactos sociais com os Reis, que o tem governado até ao Reinado de D. José I., prospero para o Commercio, para as Artes, para as Sciencias, para a Opulencia, mas funesto para

a indestructivel soberania Nacional bem entendida, e dignamente conservada; se hum homem devorado sempre do fogo do Patriotismo na verdadeira significação desta palavra, consumido de hum constante, e perenne desejo de huma reforma, e de hum prudente melhoramento conforme as luzes da razão, que são de todos os seculos, e não exclusivamente do actual; se hum homem que não vê na desproporcionada preponderancia dos Soberanos mais do que o obscurecimento da dignidade das Nações; se hum homem costumado a revolver os Tratados do tenebroso Hobbes, do incoherente João Jaques, do fluctuante Mably, e sem vaidade, costumado a não encontrar nelles huma idéa, que primeiro se lhe não houvesse despertado n'alma; se hum homem finalmente, comparador continuo das Constituições dos Povos mais civilizados, e que descobre na da antiga Hollanda a dignidade do homem, na de Inglaterra (posterior á primitiva Constituição Portugueza) o moderado equilibrio dos Poderes, conservando na distincção, alli não odiosa, das classes, a Soberania da Nação, e as gloriosas, mas limitadas attribuições do seu Chefe, porque ainda que seja cabeça, não he, nem mais nobre, nem mais elevado que o corpo: se este homem, com estes sentimentos, com estas idéas, com estas luzes, existente no meio da sua Nação, aindaque em perfeita obscuridade, na qual acha a sua ventura, approvando em particular, louvando em publico a nova ordem de cousas; que abominou protecções, que foi victima da verdade, que olha com magestoso desprezo para o vil interesse, que nunca mendigou a superficial affabilidade dos Gran-

des, que com franqueza Republicana disse sempre o seu parecer sobre os interesses verdadeiros da Patria agonizante, que reconhece no Governo o poder, na Nação a independencia, nos homens a dignidade; que respeita a virtude, que ama a Justiça, que abomina a lisonja; se este homem, na idade decadente, na probidade incorruptivel, na sugestão inalteravel, na moderação constante, e no silencio eterno, merece que se levante hum Carpinteiro, e lhe chame *Corcunda* afrontando-o impunemente em hum papel publico, decida a Nação. A' insolencia pareceo isto ainda pouco, chamou-lhe tambem *Falsario!*

Dirá a Nação, que he hum dito de hum Carpinteiro, ignorante, miseravel, e leigo, mas não poderá a Nação de dizer, que he hum crime cometido por este Carpinteiro. Conheço que me podem dizer que o homem de bem ao atravessar de huma praça, ao passar de huma rua, pôde ser ultrajado por hum maroto com hum nome afrontoso, sem deixar de ser homem de bem, porque a malicia alhêa não destróe a honra propria, e que da mesma sorte eu posso ser chamado *Corcunda* por hum homem leigo, e ignorante do verdadeiro espirito de Patriotismo, dos principios de justiça, e dos deveres do Cidadão, sem que esta nomenclatura afrontosa damne a minha reputação, ou como Cidadão, ou como homem dado ás Letras. Tudo isto assim será; mas diga-me, Mestre Pedro, (e basta de digressões) que queria V. m. que eu fizesse para lhe não merecer o nome de *Corcunda*? Mereço-lhe este nome, porque não ando a gritar pelas ruas, pelas praças, pelos cafés. — Eu sou Constitucional, Liberal; estavamos nos abysmos, nos

abyssos, nos abyssos! Viva a Liberdade! Viva! Mereço-lhe este nome porque como Ecclesiastico não trago hum chapéo com huma immensa aba posterior, humas calças pardas, e largas, porque não dou, gritando, o nome de *Constitucional* a tudo quanto ha, ainda aos objectos mais insignificantes, e até despreziveis, profanando a santidade augusta, e o soberano respeito de huma tal palavra, em lenços, em fivellas, em gollas de sobrecazacas, em chicotinhos, em estribos, em esporas! Mereço-lhe este nome porque me não meto na irmandade dos Vidracistas, commettendô insultos, levantando gritas, dando assuadas!!! Ah Mestre Pedro, estes mesmos que fazem consistir a adhesão ao systema Constitucional, hoje univ ersalmente abraçado, nestas exterioridades ridiculas, vilmente servirão a todos os partidos, porque nunca se movem por hum principio de justiça, por huma intima convicção da verdade, mas por hum particular interesse. Se hum tivesse huma Taberna, ou hum Botequim, e viessem Francezes, punha-lhe em cima = Café militar Francez. = Se viessem Inglezes, pintava-lhe em cima todos os Jorges, e todos os Guilhermes Carrs &c. &c. agora, escrevia em cima = Café Constituinte. = Se fosse Poeta, fazia duas Odes, e mettia-as n'algibeira, huma a Junot, outra a Welesley; vinha Junot, Ode a Junot; vinha Welesley, Ode a Welesley: e se em ser *Corcunda* conhecesse hum preponderante interesse, para ser conhecido do partido, mettia huma alforjada de trapos entre a camiza se a tivesse, e cazaca, ou balandrão que apparecesse. O homem que em hum papel periodico diz = *Bses DD. Quixotes de Layback*, he o mesmo homem

que fez o Drama que se intitula = *Dos triunfos Bretões se apraz Diana* = introduzindo nos annos de Jorge, o tempo e fazer este verso = *E em obsequio de Jorge eu me embrandeço.* =

O homem de bem, o verdadeiro Patriota fallava quando he preciso, os seus sentimentos são para se patentearem diante do Tribunal da Justiça, e da verdade, e não para se assoalharem perante huma população vária, inconstante, que grita a favor deste por hum cruzado novo, e logo contra este por setecentos e vinte, prompta para trazer no colete botões á Talavera, se ha Talavera, chapéo á Constituição, se ha Constituição. O homem que V. m. insulta dirá a hum Despota = Tu és hum Tyranno, e a hum Rei dignamente Constitucional = Tu és amigo da Patria: = sabendo calar-se a tempo, e fallar a tempo.

A cousa que ha mais incompativel com V. m. Mestre Pedro, he a seriedade, nega-se a penna a hum estylo grave, quando tem de escrever esta palavra = Mestre Pedro =. A indignidade da sua Carta de 19 de Março pede aquelle estylo, que V. m. merece, eu vou trasladando, para que o Publico a quem se patentêa a nossa correspondencia, justifique o meu procedimento. Ahi vai huma tirada da dita primeira columna.

„ Aleivoso, então te pilhei, quando na  
 „ presença me bajulavas; e ausente  
 „ appellidavas pelo meu nome hum  
 „ Burro. „

Meu Mestre Pedro, ainda que muitos dizem que V. m. tem Assessor, ou Assessores no que escreve, e com que tanto tem enriquecido, e illustrado a Patria na sua regeneração, porquê em

V. m. não conhecem mais que Mestre Pedro, Official honrado, e estabelecido em bom sitio com Loja de moveis; eu digo, que isto que eu acabo de trasladar, he seu, e unicamente seu: só Mestre Pedro me póde dizer a mim, que eu o *bajulava*? Eu!?! Ha ente mais brusco, e independente entre todo o genero humano! Bajular! Nem aos Satrapas dos Reis. A bajulação suppõe, ou presuppõe dependencia; que dependencia podia eu ter de V. m.? Como Cidadão, não he empregado publico, nem tem influencia em os negocios, he só Mestre Pedro, isto he, hum ente absolutamente nullo no manejo da Republica. Como homem de Loja aberta! Trastes de luxo, Leitos de hum conto, não me são precisos; huma duzia de tristes, e pobres tamboretos de madeira de caixa? Esses não vierão fiados, paguei em cima daquella carteira, que he hoje peanha a outras preciosidades: alli descança *El Universal*, *La Miscelanea*, *La Gaceta de Madrid*, &c. Bajulalo pelos seus talentos? He cousa que lhe não conheço. Literatura? Nem se sabe o que isso he. Dinheiro emprestado? Não necessito. Letra rebatida? Não gyro. Se tem Irmandade, essa não dá Sermões, nem os peço. Sentar-me nas suas cadeiras a descançar algum bocado quando you ao Correio? Isso não he favor tão grande, que não haja mais Lojas que o fação. A que chama V. m. bajular? Certamente he lisongear, adular!... Eu.... Mestre Pedro, eu adular! V. m. será hum Grande no Paço da Madeira, mas eu nem aos dos Paços dos Reis bajulei nunca.

Appellidar com o seu nome, o Senhor Cavroé, hum Burro? Ora deixe-me dizer; aqui na minha

rua ha hum cãozinho pequeno, (e lhe peço que venha informar-se) chamado *Junot* nome Francez. Huma vizinha minha tem hum Gato chamado *Tomieres*, pelo muito que toma, e pelo muito que mia. Alli n'hum cocheira da rua direita, ha hum terrivel cão chamado *La Garde*, porque não ha cousa em que não pegue, e em que não morda, todos estes nomes Francezes são tirados das propriedades dos mesmos animaes, analogos ás dos sujeitos de quem são os nomes, e perguntando eu ao dono do cãozinho *Junot*, porque lhe chamava *Junot*, respondeo-me que por ser muito cadeleiro. Ora na Praça da Figueira, e suas avenidas, sempre cobertas, e alaistradas de Burros, tambem ha entre elles alquiladores, e rapazes que o não são: a sua illustre profissão os torna espertos, e entendidos; motejão bem, e sácão apódos dignos de se conservarem na collecção de Supico; os Burros alli estacionados para o aluguer tem diversos nomes, porque sendo tantos, he preciso distinguillos, e conhecellos. Eu mesmo, não me permitindo a minha idade, e molestias mais altas cavallarias, já fui, não sei se a Odívellas, ou outro lugar ameno dos suburbios, a cavallo em Bonaparte, isto he, n'hum Burro assim chamado; e perguntando eu porque razão se tinha posto o nome do maior homem da Terra ao mais lazarento sendeiro da Praça, se me respondeo que me enganava, que as manhas do Jumentinho merecião aquelle nome, e que se admiravão, que sendo eu tão entendido em *Burros* não conhecesse aquella lesma; que alli onde o via, em todos dava couces, em todos mordia, e a nenhum de seus irmãos deixava comer palha na estribaria, porque elle a que-

ria toda para si, e que em levantando o zurro fazia calar a todos; mas que mais dia menos dia haveria para elle hum Campo de Waterloo em que o lombo lhe fosse medido com tamanho arrocho, e tanta consciencia, que a Santa Helena que o esperava seria a cozinha de alguma casa de Pasto, ou o cepo d'algum Pasteleiro para o picado dos Pasteis Diarios; e que por tudo isto, e o mais que dos Autos constava lhe tinhão posto o nome de Bonaparte dos Burros; que me segurasse bem na albarda, porque não era certo. Sendo pois Cavoé também nome Francez, muito esquipatico em si, mas muito vulgar naquella Nação, havendo, como he constante muitos Cavoés, assim como ha mais Marias na Terra, quem sabe, se por motivos de analogia, ou outra qualquer causa, terão posto malignamente este nome a algum Jumento, assim como pelas congruentes razões analogas puzerão aos cães, e aos Burros de que acima faço menção, os nomes de Junot, de Tomieres, de La Gardes, de Bonapartes &c. &c., e se eu acertasse com elle, como lhe havia eu chamar para o fazer andar, se elle duvidasse como todos duvidão? Por tanto não se deve V. m. escandalizar, porque ha muitos Cavoés, assim como ha muitos Junots, La Gardes, e outros; assim como eu me não escandalizaria, se havendo, como ha, muitos Macedos, pozessem este nome a algum Burro, ou por ter sido de algum, ou por ter as manhas de muitos, ou por se persuadirem que de Macedo a Maçado vai mui pouca distancia, devendo eu ter este nome pelo muito que VV. mm. tem malhado em mim, mas com bem o digamos, nunca impunemente o fizetão, e louvado Deos, nunca o

farão, como V. m. vai vendo pelo fio, e conteúdo nestas Cartas, que hão de ser tão immortaes, como as do Fogaça. Não me chamou V. m. em Editaes publicos, e impressos de quatro Pêz! Pois agora tenha paciencia, porque pelo mesmo caso que se faz a pergunta, se dá a resposta. *Cujus est hæc oratio! Ciceronis. Cujus est hæc imago? Petri.* De quem he esta oração? De Cicero. De quem he esta figura? De Pedro. Tenho dado a minha cortez satisfação, e creio que V. m. se contentará com ella. Diz V. m. mais abaixo na dita primeira columna =

” Ainda a semana passada me propu-

„ zeste paz, e concordia. „

Mestre Pedro, perdôe-me o seu respeito, a palavra he dura, e assim como V. m. ma diz muitas vezes, soffra que eu lha diga algumas = *Mente* =. Encontrou-me no largo do Terreiro o nosso commum amigo Manoel João, e me disse estas formaes palavras (ei-lo ahi está vivo, são, e escoreito, e bem gordinho, que não me não deixará mentir) ” *Eu quero interpor a minha protecção, para fazer hum tratado de paz entre V. m. e o Mano Pedro.* „ Eu lhe respondi, que eu era muito amigo do Evangelho, e que não me dava mal com isso, que este manda que amemos os nossos inimigos, e façamos bem áquelles que nos aborrecem, e que assim, não para fazer o que me pedia a vontade, mas por cumprir com tão divino preceito, estava prompto a assignar o tratado, feito pela mediação de tão alta Potencia como era o Senhor Manoel João. Creio que divertido com outras arduas funções Diplomaticas, se esquecera da promettida composição amigavel en-

tre as partes contratantes, porque nem me appareão Plenipotenciarios, nem V. m. se apresentou em Laiback nenhum para negociar comigo. O que eu vi apparecer de Tratados de paz e alliança, foi o seu impresso intitulado = *Resposso a Santo Antonio*, = com seus versos, e orações que já expuz á devota contemplação do Publico. Libello seu tão injurioso, que merece quinhentas refutações, e seiscentas respostas; V. m. a teve já, e ainda não ha de ficar aqui.

Não posso, Mestre Pedro, deixar de copiar huma notavel passagem da segunda columna da sua Carta de 19 por ser a cousa mais fria, e desenhada, que está impressa desde o anno de 1446, que he o da invenção da imprensa, até este de 1821, em que tanto se imprime! Ei-la tal, e qual.

Depois de me teres roubado a minha alma, fizeste que eu me esteja remendando com os teus desprezos.

He verdade que a gente aqui se ri, mas não sabe de que, da tolice. Que tem as duas modas incessantes, e causticantissimas dos gaiatos da rua = *O' minha alma!* = E, = *estou-me arremendando-me, vou-me arremendar, ó Ridim*, = com as nossas questões literarias! V. m. impugna alguma producção dos Agoadeiros do Loreto? Se V. m. se remenda com os meus desprezos, eu lhe permittó que elles sejam tantos, que ainda lhe sobeje panno para mangas. Eu roubar-lhe a sua alma! Se ella he tão bella, e tão bem formada que a todos rouba os corações, bem se descobre a sua celestial formosura nesta mesma Carta; por toda ella se mostra, e se derrama a sua luz, e sobre tudo na seguinte passagem em que eu vou manifestar ao Mun-

do, Mestre Pedro, ou a alma de Mestre Pedro. Notem-se bem estas palavras, columna segunda, linha sexta.

„ Dirás que me deixaste por eu ser tarasca.

„ He melhor a tarasca a quem tu hoje . . . . .

„ Que nos calemos . . . . .

Que será isto, eu o digo. Esta sua Carta, Mestre Pedro, de 19 de Março foi escrita no dia 18 do mesmo mez, em que cahio a quinta Domingo da Quaresma: acabando de prégar nos Martyres, sahi da Igreja com o Ex-Radactor do Diario da Regencia, atravessa-se na rua hum mulher velha (tarasca) a perguntar-me com impertinencia, se hia tambem pregar ao Sacramento? Onde com effeito hia. Mestre Pedro, ou algum por elle, dos senadores das suas Cadeiras, vio esta parada, esta pergunta, esta tarasca a quem tu hoje . . . . ., que isto quer dizer a aposiopesi, ou reticencia. Que tal he a sua alma, Mestre Pedro? Com esta simples, e casual passagem, por certo quer V. m. dar a conhecer ao Mundo hum ma mancebia escandalisissima com hum velha? Ah! Mestre Pedro, eu com hum *velha* não casava ainda que ella tivesse muito, muito, muito dinheiro! . . . . . Muito!!! Que quererá dizer esta minha reticencia?

Ainda me fica muito que dizer, e quê a notar a sua Carta de 19, mas vai esta sendo muito comprida, e assim tomo a prudente resolução de escrever mais hum que fazem oito. Eis-aqui as futilidades ultrajantes, com que V. m. desfia as minhas composições literarias, não vejo no que V. m. escreve mais do que Libellos famosos contra a minha pessoa, e contra a Moral publica. Se-

ja capaz de outra cousa, que não sejam descomposturas, e ataques. Se eu tomar este tom que será de V. m.?

*Do Poema dignissimo, e de Historia,  
Digno do bronze, e de immortal memoria:  
E de que veja o Mundo escrito em Cédro,  
O nome, e presumpção do Mestre Pedro.*

DISSE

Forno do Tijolo 28  
de Maio de 1821.

RELATORIO

1870

CONTAS GERAES E EXTRAORDINARIAS

DE PORTUGAL

ELABORADO POR

SEU DIRECTOR

MARQUEZ DE PARRAMONTE

DE BRASILEIA

DEPUTADO A CAMARA DOS DEPUTADOS

DE 1868

EM VENDA NA IMPRENTA DO GOVERNO

REPUBLICANO

EM VENDA NA IMPRENTA DO GOVERNO  
DE BRASILEIA, E EM TODAS AS LIVRARIAS



LISBOA

NO COMERCIO NACIONAL, ANNO 1870